

A INTERTEXTUALIDADE NO CONTO “CONFUSÃO EM CHAPEUZINHO... VERMELHO?” PRODUZIDO POR UM ALUNO DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL.

Deuzanete Cândido da Costa (UEPB)
deuzanete.c@hotmail.com

Introdução

A complexidade dos problemas circunscritos pela educação hoje, exige, urgentemente, a busca de soluções num trabalho conjunto, entre profissionais e especialistas de diversas instâncias. Neste patamar, está o ensino da Língua Portuguesa, com suas nuances e rotineiras dificuldades costumeiramente enfrentadas por alunos e professores. Destacamos, neste trabalho, problemas relativos à leitura e à escrita. É atribuída à educação, mais especificamente à escola, o papel de principal agência do letramento. No entanto, a escola ainda caminha a passos lentos no que concerne ao adequado trabalho com a leitura e a escrita. Ensinar a língua escrita e a elaboração de textos na perspectiva da sociedade moderna ainda é um desafio para professores.

Vivemos numa sociedade permeada pela cultura letrada, na qual aqueles que não reconhecem os códigos da linguagem escrita estão inevitavelmente marginalizados na dinâmica das relações sociais. Ler e escrever constitui, hoje, uma demanda social que precisa mais do que nunca ser ressignificada e atendida pelo ambiente escolar. A escrita é uma forma legítima de autoria do discurso que, além de registrar a fala, apresenta ideias, conceitos e concepções de mundo e de vida, que traduzem as representações que os alunos fazem do cotidiano.

Aproveitar esses conhecimentos a respeito da escrita que os alunos já trazem de casa é o grande desafio da escola, atualmente, ao longo dos anos escolares do aluno. O trabalho com a escrita em sala de aula deve dá-se de modo produtivo, dinâmico, dialógico e, principalmente é necessário que aconteça em todos os contextos de relações de interação social, que envolvam sujeitos.

É sob esta perspectiva que desenvolvemos o nosso trabalho, mostrando que, o fato dos alunos sempre aproveitarem os conhecimentos que trazem arraigados faz com que encontremos marcas de intertextualidade naquilo que comumente escrevem.

Nesse sentido, nosso trabalho partirá da seguinte problemática: É comum encontrarmos marcas de intertextualidade em contos produzidos por alunos de 9º ano? Segundo os PCNs (1997, p. 30), “são os textos que favorecem a reflexão crítica e imaginativa, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada.”

Partimos da hipótese de que é comum encontrarmos marcas de intertextualidade com contos nos textos produzidos pelos alunos, visto que tal gênero está presente na vida cotidiana das pessoas por exercer o seu fascínio tanto na mente das crianças quanto na dos adultos, promovendo assim a criatividade, o lúdico, a recriação. Enfim, é mais fácil escrever sobre o que já se conhece, o seu conhecimento de mundo, pois “todo texto, na sua produção e na sua recepção, está ligado ao conhecimento que os interlocutores têm acerca de outros textos previamente postos em circulação.” (ANTUNES, 2009, p. 164-165)

O nosso artigo tem como objetivo geral identificar as marcas de intertextualidade com o conto “Chapeuzinho Vermelho”, dos Irmãos Grimm presentes no conto “Confusão em Chapeuzinho... Vermelho?” produzido por um aluno de 9º ano. Tal análise será norteadada por autores como: Cavalcante (2013), Geraldí (2013), Antunes ([2009], 2010), Kock e Elias (2006), Marchuschi (2008), bem como o que preconizam os PCN.

Os dados foram coletados durante o ano letivo de 2013, numa turma do 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública estadual da cidade de Areia-PB. Cabe ressaltarmos quão importante é este artigo por apresentar um fenômeno constante nas salas de aula e porque os resultados aqui apresentados poderão auxiliar uma prática pedagógica que valorize a intertextualidade como algo positivo e corriqueiro nos textos dos alunos, embasando-a e enriquecendo-a teoricamente.

Este trabalho constará de três partes: num primeiro momento, será conceituada a intertextualidade. Em seguida, apresentaremos a metodologia e os passos da análise e por fim, as possíveis conclusões.

1 A intertextualidade

Uma das grandes tarefas da escola sempre foi ensinar a língua escrita e a elaboração de textos. Tal processo pode ser discutido a partir de diferentes perspectivas, porém, há de se considerar que toda atividade com a escrita deve considerar um trabalho que gire em torno da grande variedade de textos que circulam socialmente. A escrita não deve ser a mera apropriação do ato de codificar e sim o domínio de um conjunto de práticas culturais que envolvem uma compreensão do mundo diferente daquela dos que não têm acesso à cultura escrita. É preciso lembrar ainda que o domínio da escrita envolve uma série de habilidades complexas que precisam ser desenvolvidas progressivamente.

Foi só a partir dos anos 80, com as diversas discussões em torno da língua que o texto passou a ser objeto de ensino nas salas de aulas. A respeito de texto temos que admitir que “um conjunto aleatório de palavras ou frases não constitui um texto” e “todo texto é a expressão de algum propósito comunicativo”. (ANTUNES, 2010, p. 30). Nesse sentido, os textos, para serem compreendidos e escritos, necessitam do conhecimento que o leitor e o escritor trazem sobre o mundo que o rodeia e sobre a sociedade em que estão inseridos. Para a produção de um texto convergem, dinamicamente, fatores linguísticos, sociais e culturais, bem como, “a ativação de conhecimentos adquiridos por meio de outros textos” (CAVALCANTE, 2013, p. 145). Desta forma, um texto é sempre o resultado de outros textos e não pode ser tomado isoladamente e sim na “sua intrínseca relação com outros exemplares textuais.” (CAVALCANTE, 2013, p. 145)

Neste sentido, entra a noção de intertextualidade como algo intrinsecamente presente em tudo o que falamos, lemos ou escrevemos. Em seu sentido mais amplo, ela remonta à ideia de que nenhum texto é original e que todos os nossos discursos apenas continuam discursos anteriores, ou seja, “é a partir dos discursos já feitos que criamos, que recriamos, que ressignificamos os nossos” (Antunes, 2010, p. 76).

A intertextualidade tem se configurado como um procedimento estratégico na elaboração de um texto. Para Barbosa Filho (2006, p. 27), crítico literário, intertextualizar é fazer ecoar, de forma implícita ou explícita, marcas e referências de outros textos no novo texto a que nos propomos elaborar. Intertextualizar é reescrever, “contrastando ou transformando o território da significação” (BARBOSA FILHO p. 27). Sendo assim, paráfrases, paródia, estilização, pastiche e substituições são textos que trazem a marca da intertextualidade.

Segundo Cavalcante (2013) o conceito de intertextualidade, surgiu no âmbito da crítica literária, com Júlia Kristeva, apoiado no postulado do dialogismo de Bakhtin, “conforme o qual qualquer enunciado é resposta a enunciados anteriores e potencializa o surgimento de outros enunciados, que imediatos, quer distantes.” (CAVALCANTE, 2013, p. 146)

Para Koch e Elias (2006) ocorre intertextualidade quando em um texto, encontra-se inserido outro texto (intertexto) produzido anteriormente, que faz parte da memória social de um

todo coletivo. Sendo assim, a compreensão do novo texto depende do conhecimento, por parte do leitor/interlocutor, dos outros textos a que este faz referência.

Podemos afirmar que a intertextualidade está subjacente às condições de produção de todo e qualquer texto, uma vez que há sempre algo já-dito, uma espécie de texto-fonte que preexiste a todos os outros. (Koch; Elias, 2006), (Barbosa Filho, 2006).

Para Koch e Elias (2006) é necessário considerar que a retomada de um texto em outro texto gera uma produção de novos sentidos, uma vez que os novos textos atendem a outros e novos objetivos, fazem parte de outra situação de comunicação e migram de um gênero para outro, em muitos casos.

A intertextualidade explícita ocorre quando a fonte do intertexto é citada de maneira direta. Como exemplo, Koch e Elias (2006) trazem os resumos, resenhas, traduções, de textos escritos. No entanto, para que haja produção de sentido não basta apenas a “verificação do fenômeno” (KOCH E ELIAS (2006, p. 91). O leitor, por sua vez, deve ser capaz de reconhecer o porquê daquela referência, que função esta desempenha dentro do texto.

A intertextualidade implícita ocorre quando não há uma citação direta da fonte. O leitor/interlocutor é quem deve trazê-la à memória para atribuir sentido ao texto. Como exemplo, Koch e Elias (2006) citam as alusões, paródias, certas paráfrases e as ironias. Na intertextualidade implícita exige-se que o leitor/interlocutor identifique o texto fonte a que o novo texto remete, bem como os objetivos do produtor do texto ao utilizar-se dele. “Quando isso não ocorre, grande parte ou mesmo toda a construção do sentido fica prejudicada.” ((KOCH E ELIAS (2006, p. 92). Diante disso, podemos afirmar que, ao optar por essa forma de intertextualidade, o autor pressupõe um conhecimento do texto-fonte por parte de seu interlocutor que deve estabelecer um diálogo com o texto novo, para que a produção de sentido ocorra.

Piègay-Gros (apud Cavalcante, 2013) apresentou um breve resumo das relações intertextuais que descrevemos abaixo:

Relações Intertextuais {Relações de copresença {citação; referência} explícitas;
{ Plágio; alusão } implícitas
{Relações de derivação {Paródia; Travestimento burlesco; pastiche.

Por fim, a intertextualidade, servindo a fins estéticos e literários, ou servindo a fins pragmáticos e circunstanciados, é um recurso recorrente no processo de constituição de textos.

2 Os passos da pesquisa

Esta pesquisa teve uma abordagem qualitativa, uma vez que a interpretação dos fenômenos e a atribuição de resultados não requereram o uso de métodos e técnicas estatísticas. Nesse sentido, buscamos encontrar respostas para questões relativas intertextualidade em uma produção textual, a partir de estudos teóricos de pesquisadores como Cavalcante (2013), Koch e Elias (2006), Antunes ([2009], 2010), Geraldi (2013), Marchuschi (2008), além de ter como referencial o que preconizam os PCN.

Os dados foram coletados durante o ano letivo de 2013, numa turma do 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública estadual do município de Areia-PB, a partir de uma atividade de produção textual desenvolvida pela professora de Língua Portuguesa, cujo objetivo principal era ser exposto na Mostra Pedagógica da referida escola.

A atividade foi desenvolvida da seguinte forma: após uma reunião com professores e diretores foi decidido fazer um evento na escola, com o intuito de mobilizar os alunos, fazendo-os participar mais das atividades da escola, visto que já era final de ano letivo e o rendimento desses alunos no tocante aos conteúdos do currículo estava muito abaixo do esperado. O evento escolhido foi uma Mostra Pedagógica, em que os alunos seriam orientados pelos professores a produzir

alguma coisa a partir da temática “O conhecimento que me faz bem”, para ser exposto em um dia determinado. Cada professor ficaria incumbido de uma turma e a professora de Língua Portuguesa ficou com o 9º ano.

Ela, juntamente com os alunos desta turma, decidiu que produziram textos de diversos gêneros para crianças, com o intuito de incentivar a leitura dos pequenos. O trabalho desenvolvido nesta turma foi intitulado “Os Multiplicadores da Leitura” e os textos produzidos tiveram como propósito serem doados a uma escola pública municipal da mesma cidade, logo após a exposição. Todos os textos escritos foram enviados à professora. Esta, após a primeira correção, devolveu-os aos seus respectivos autores para que fizessem as modificações necessárias, digitassem e os enviassem à professora para que ela formatasse e imprimisse. Na sala, eles fizeram a montagem dos livros, separando-os por gêneros.

3 onde o velho e o novo se misturam...

Todos os textos produzidos foram de uma qualidade excelente, em termos de criação, vocabulário, gênero, entre outros aspectos, porém, um texto relativamente interessante foi o conto “Confusão em Chapeuzinho... Vermelho?” (EM ANEXO), o qual será foco desta análise. Tal conto traz uma releitura do conto fantástico “Chapeuzinho Vermelho”, dos irmãos Grimm (Ver anexo), numa versão moderna e contemporânea, permeada de elementos da cultura atual.

Portanto, neste trabalho, mostraremos como a intertextualidade se constitui neste conto produzido pelo aluno. Trata-se de uma relação intertextual por derivação, “quando um texto deriva de outro previamente existente”, a exemplo da paródia, o pastiche, o travestimento burlesco e ainda a paráfrase e o *détournement*. (CAVALCANTE, 2013, p. 155). Aqui, portanto, temos uma paródia, que consiste num recurso construído a partir de um texto-fonte retransformado para atingir outros objetivos, quer sejam críticos, poéticos, literários. Na paródia, observa-se a manutenção da ideia original, temas, personagens, estilo. A intenção da paródia, diferentemente do que apregoa o senso comum, não é meramente pejorativa.

De acordo com Cavalcante (2013, p. 155), “a paródia pode realizar-se de diversas formas, desde a substituição de fonemas e palavras até a modificação de enunciados inteiros, que, no entanto, guardarão resquícios do texto original, como tema, nomes de personagens, estilo etc. A produção textual do aluno traz alguns elementos comuns à estória original da Chapeuzinho como a escolha das personagens (a Chapeuzinho, a vovozinha, o caçador, o lobo mau e a mãe da Chapeuzinho) proporcionando uma estreita relação intertextual com a versão original do conto, porém todos com uma nova roupagem, mais moderna, mais atualizada, mostrando nitidamente que o texto está vinculado aos problemas de sua época.

Nesta versão, a Chapeuzinho é uma patricinha metida que usa boina rosa e não chapéu vermelho. Tal fato, se analisado literalmente, não justifica o nome da personagem, conforme identificamos na versão original do conto. O que verificamos é a influência direta da moda atual quanto ao uso do termo boina em lugar de chapéu e a cor rosa, própria dessas meninas comumente chamadas de patricinhas, termo usado na sociedade moderna para distinguir um grupo de meninas com determinadas características: riquinhas, bem vestidas, pele e cabelos bem cuidados, dentre outras. Chapeuzinho, nessa nova versão, nada mais é do que uma menina moderna, totalmente atenta às coisas da atualidade. Além disso, vista no seu interior, temos uma menina forte, moradora da “cidade grande”, “lutadora de MMA” e nada ingênua como percebemos no trecho “*Estão pensando que eu sou aquela menina boba da floresta?*”

A vovozinha, no texto do aluno, foi extremamente inovada, conforme o trecho: “*A sua vovozinha não era tão boba e muito menos indefesa: ela era vocalista de uma banda de rock*”. A nova vovó é esperta, roqueira e com espírito de jovialidade, contrastando com aquela vovozinha

ingênua que se deixa enganar pelo lobo mau, quando este imita a voz da Chapeuzinho, na versão original do conto.

O caçador, desta vez, assume a postura de um mau caráter que disputa, juntamente com o lobo mau, a posição de antagonista da narrativa. Ambos só querem “se dar bem” à custa da vovó e acabam tendo um final trágico (ir para a cadeia), diferentemente da versão original, em que o caçador é o herói que salva as indefesas e o lobo termina na pior. Nesse episódio, a intertextualidade também se faz presente, visto que, a exemplo de todos os contos fantásticos, o malvado se dá mal e as mocinhas terminam bem. É, conforme Antunes (2009, p. 163) “uma intertextualidade ampla, tácita, praticamente inevitável.”

Quanto ao lobo mau, as características voltadas a ele apontam para uma versão de lobo bobo: “*Ele já não era tão esperto e robusto, já não engolia vovozinhas, nem morava no bosque*”, porém com a mesma ambição que compete a um lobo mau e os mesmos traços de um mau caráter: “*Essa guitarra agora é minha, vou vendê-la e me divertir com o dinheiro. Nada de morar na floresta ou tentar enganar menininhas e vovozinhas. Vou para Hollywood*”.

Quanto à mãe da menina, assim como na narrativa dos irmãos Grimm, ela apresenta uma participação pequena, no início da estória, porém, desta vez recebe nome “Nanda” e não faz as recomendações a Chapeuzinho, visto que esta já é bastante esperta e não se deixará enganar por ninguém, como percebemos no trecho seguinte:

“No meio do caminho, Chapeuzinho viu uma coisa que lhe chamou a atenção: uma bolsa – que estava no auge da moda - perdida no meio do caminho. Ela ficou indecisa, pensando se pegava ou não a bolsa, pois pensou que se tratava de uma “Pegadinha do Faustão”. No entanto, como não era tão besta resolveu agarrar a linda bolsa o mais depressa que pôde. Nem olhou o que tinha dentro e saiu rapidamente”

Em “Confusão em Chapeuzinho... Vermelho?” notamos, claramente, mais outros pontos comuns com o conto Chapeuzinho Vermelho como a presença de um lobo que faz perguntas a Chapeuzinho e descobre que esta vai à casa da vovó: “- *Aonde você vai com tanta pressa, linda menina... eh, linda patricinha?- Vou à casa da vovó levar... ah!! O que você quer saber da minha vida? Limite-se a vender o seu cachorro-quente, seu intrometido!!*” Há também um atalho que o faz chegar antes à casa: “*Este, muito que depressa, pega um atalho para chegar mais rápido à casa da vovó da garota*” e veste a roupa da avó da menina: “*Então ele pega a roupa da vovó e se veste*”. E, enfim, há o confronto entre menina e lobo vestido de vovó, porém, totalmente inovado, revestido de elementos atuais, como bem verificamos na fala das duas personagens:

*“Quando Chapeuzinho chega à casa da vovó diz:
- Vovó, você está tão diferente! Fez uma plástica, uma lipo ou coisa assim?
O lobo diz:
- Não minha filha, é um modelito novo e fashion.”*

Outros pontos de contato nas duas obras são verificados ao longo da narrativa em análise, quando vez por outra são mencionadas palavras, expressões, atitudes ou lugares já conhecidos pelas personagens e narrador ou já citados em outras ocasiões como, por exemplo, nos trechos: “*Ela também não era tão inocente assim (...)*”; “*A sua vovozinha não era tão boba e muito menos indefesa*”; “*Ah! Sim, esqueci-me do lobo. Ele já não era tão esperto e robusto, já não engolia vovozinhas, nem morava no bosque.*”; “*Estão pensando que eu sou aquela menina boba da floresta?*”. Conforme observamos, “nenhum texto pode ser tomado isoladamente, desvinculado de

qualquer outro texto, mas sim, em sua intrínseca relação com outros exemplares textuais.” (CAVALCANTE, 2013, p. 145)

Continuando nossa análise, há também a reinvenção do conteúdo: próximo ao final do enredo aparece uma personagem nova – Cinderela – que, por sua vez, é amiga de Chapeuzinho e também promove uma relação intertextual com outro conto fantástico: Cinderela. Aqui, mais uma vez, percebemos o quanto a intertextualidade faz parte da realidade dos alunos do 9º ano, uma vez que o fato de conhecerem os contos de fadas, faz com que remetam-se a eles sempre que possível. “Fechando essas observações, poderia lembrar o repertório dos *contos de fadas, ou das fábulas*, que atravessa séculos de enunciação coletiva, numa demonstração clara da mais global intertextualidade” (Antunes 2010, p. 78) grifo da autora.

A noção de intertextualidade remete-nos à ideia de que “nenhum texto é absolutamente original, nem pertence por inteiro à autoria de quem o disse ou escreveu.” (ANTUNES, 2010, p. 76). Sendo assim, visto que os nossos discursos se refazem rotineiramente para acompanhar as mudanças da sociedade, observemos determinados aspectos no conto “Confusão em Chapeuzinho... Vermelho?” no que concerne à linguagem. Esta aparece revestida de gírias, ditados populares, estrangeirismos e composta por elementos que permeiam a sociedade atual e a vida dos adolescentes, a exemplo de “*patricinha metida*”, “*boina rosa*”, “*lutadora de MMA*”, “*Rock n’Roll*”, “*shopping*”, “*guitarra*”, “*cachorro-quente*”, “*tirar o pé da lama*”, “*plástica*”, “*lipo*”, “*fashion*”, “*AP*”, “*show*”, “*careta*”, “*pizza*”, “*choop*”, “*liga para a polícia*”, “*me fantasiar de Cinderela*”, “*Pegadinha do Faustão*”, “*Moto-táxi*”, “*Rock in Rio*”, “*Hollywood*”. Enfim, tais elementos e transformações só revelam o período histórico em que se situa o texto, ou seja, o modo como o autor incorpora ao seu texto, características da cultura do seu povo, bem como os tempos, lugares e circunstâncias em que foram escritos.

Não podíamos deixar de mencionar também um elemento novo e contrastante com o conto de fadas que comumente conhecemos, fruto da constante violência que aflora no mundo todo: a inserção de uma pistola 9mm na bolsa da vovó.

O conto do aluno é apenas mais uma releitura do conto de fadas Chapeuzinho Vermelho, tantas vezes parodiado. Em “Confusão em Chapeuzinho... Vermelho” pudemos identificar a intertextualidade por excelência. Isso mostra-nos, claramente, que os alunos podem escrever textos ricos em linguagem e criatividade e “*que a humanidade, no curso de sua história, realiza um único e permanente discurso, que se vai compondo, que vai se completando, articulando e refazendo, de maneira que poderíamos vê-lo com uma grande linha, inteira e sem rupturas.*” (ANTUNES, 2009, p. 163) Grifo da autora.

Como vimos, a intertextualidade é o “*resultado inevitável da sua natural ancoragem em conhecimentos já existentes, veiculados por diferentes materiais anteriormente em circulação.*” (ANTUNES, 2009, p. 165) Grifo da autora.

4 Conclusão

A intertextualidade é um importante recurso textual de que se valem os alunos, mesmo que inconscientemente, no momento da atividade de escrita, visto que nenhum discurso é único ou nunca dito. O tempo todo ancoramo-nos em outros conhecimentos, outros dizeres e isso proporciona textos riquíssimos em intertextualidade.

Nos textos dos nossos alunos isso é ainda mais notório, visto que é bem mais fácil, para eles, falarem daquilo que já conhecem. Os contos de fadas fizeram parte da infância de muitos desses alunos, então, nada mais comum que tais saberes sejam expostos no momento da escrita.

Sendo assim, os resultados mostram que são fortes as marcas de intertextualidade em contos produzidos por alunos de 9º ano, visto que o conto de fadas é um gênero que encanta e que provoca

o leitor devido ao caráter lúdico, por isso é tão relido e parafraseado, principalmente no universo da literatura infanto-juvenil.

Cabe a nós, professores, aproveitarmos a dimensão do trabalho na sala de aula que pode ser explorado a partir da intertextualidade. É importante que aprendamos a empreender em nossas aulas diárias a atividade de analisar a linguagem para que possamos fazer a adequação do texto às suas reais situações de ocorrência e só assim poderá ser trabalhada a escrita com um propósito.

5 Referências

ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

_____. **Análise de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FILHO, H. B. F. **A luz e o Rigor**: reflexões sobre o poético. João Pessoa: Manufatura, 2006.

BRASIL, Ministério da Educação (MEC). Secretaria de Educação Fundamental (SEF). **Parâmetros Curriculares Nacionais**: MEC, SEEF, 1997, V.2

CARVALHO, B. V. de. **Compêndio de Literatura Infantil**. 3. ed. São Paulo: IBEP, [1969 ou 1970]

CAVALCANTE, M. M. **Os sentidos do texto** São Paulo: Contexto, 2013.

GERALDI, J. W. **Portos de Passagem**. 5 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

GONÇALVES, H. de A. **Manual de metodologia da pesquisa**. São Paulo; Avercamp, 2005.

KARWOSKI, Acir Mário. GAYDECZKA, Beatriz. BRITO, Karim Siebeneicher (orgs). *Gêneros Textuais*: Reflexão e Ensino. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

KOCH, Ingedore Villaça. ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Compreender**: os sentidos do texto. 2. ed. São Pau: Contexto, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (org.). **Gêneros Textuais**: Reflexões e Ensino. 3ª ed. rev. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 15-28.

ANEXOS

CONTO DO ALUNO DO 9º ANO

CONFUSÃO EM CHAPEUZINHO... VERMELHO?

Gustavo Pereira G. dos Santos

Era uma vez uma linda menina patricinha e metida chamada Chapeuzinho, que usava boina rosa, pois não gostava de vermelho, muito menos de chapéu.

Ela também não era tão inocente assim, morava na cidade grande e era lutadora de MMA. A sua vovozinha não era tão boba e muito menos indefesa: ela era vocalista de uma banda de rock n'roll. Ah! Sim, esqueci-me do lobo. Ele já não era tão esperto e robusto, já não engolia vovozinhas, nem morava no bosque.

Mas, enfim um dia, a mãe de Chapeuzinho, mais conhecida como Nanda, mandou a menina levar para a sua avó uma guitarra que tinham comprado num shopping novo da cidade. No meio do caminho, Chapeuzinho viu uma coisa que lhe chamou a atenção: uma bolsa – que estava no auge da moda - perdida no meio do caminho. Ela ficou indecisa, pensando se pegava ou não a bolsa, pois pensou que se tratava de uma “Pegadinha do Faustão”. No entanto, como não era tão besta resolveu agarrar a linda bolsa o mais depressa que pôde. Nem olhou o que tinha dentro e saiu rapidamente.

Chegando mais adiante, ela viu um vendedor de cachorro-quente e disse:

- Moço, eu quero um cachorro-quente.

E aquela voz rouca disse:

- A mocinha quer um cachorro quente?

Ela respondeu:

- Com muita mostarda e depressa! Ela pega o cachorro quente e escuta a pergunta:

- Aonde você vai com tanta pressa, linda menina... eh, linda patricinha?

- Vou à casa da vovó levar... ah!! O que você quer saber da minha vida? Limite-se a vender o seu cachorro-quente, seu intrometido!!

O que a bela Chapeuzinho não sabia é que aquela voz rouca era nada mais nada menos do que o lobo, disfarçado de vendedor de cachorro-quente. Este, muito que depressa, pega um atalho para chegar mais rápido à casa da vovó da garota. Como ele sabia onde a vovó morava, eu também não sei. Só sei que ele pegou um moto-táxi para ir mais rápido e, chegando lá, antes de Chapeuzinho, procura a vovó, só que ela estava no Rock in Rio.

Então ele pega a roupa da vovó e se veste, com a intenção de pegar o que a menina levava, pois parecia ser algo valioso. Com isso, o lobo esperava “tirar o pé da lama”.

Quando Chapeuzinho chega à casa da vovó diz:

- Vovó, você está tão diferente! Fez uma plástica, uma lipo ou coisa assim?

O lobo, imitando a voz da vovó, diz:

- Não minha filha, é um modelito novo e fashion.

- Tudo bem, vovó. Chega de detalhes e vamos ao que interessa: eu trouxe de presente para a senhora uma guitarra, coberta de belos diamantes assim como a senhora gosta.

O lobo diz:

- Pode deixá-la aí mesmo no armário, querida menina!

Quando Chapeuzinho deixa a guitarra no armário, o lobo aproxima-se da guitarra e, sem poder esperar até que Chapeuzinho saia, diz:

- Arrá!! Essa guitarra agora é minha, vou vendê-la e me divertir com o dinheiro. Nada de morar na floresta ou tentar enganar criancinhas e patricinhas. Vou para Hollywood.

De repente alguém abre a porta com um barulho sinistro e todos ficam apavorados. É o caçador que diz:

- Lobo, você por aqui? Achei que você estava no bosque! Lá é que é o seu lugar, seu safado!! Saia do meu caminho agora que eu é que vou pegar esta guitarra.

Chapeuzinho rapidamente pega a guitarra e diz:

- Nada disso!! Estão pensando que eu sou aquela menina boba da floresta? A guitarra é da vovó e não vou deixar ninguém ficar com ela.

De repente, mais um ruído estranho na porta e todos fica à espreita de quem entra. Esta pessoa pergunta:

- Olá, a vovó está?

Chapeuzinho responde:

- Não, ela não está. Quem é você e o que deseja?

- Não me diga que não está me reconhecendo, amiga?

- Cinderela! Mas o que você faz aqui?

- Oh, amiga! Estou desesperada à procura da minha bolsa, você sabe onde está? Ei, o que fazem todas estas pessoas aqui no AP da vovó? Continua Cinderela.

Chapeuzinho diz:

- Eu estou sim com a sua bolsa, porém não posso lhe entregar agora, pois tenho que expulsar estas criaturas mal vestidas daqui. Vou ligar para a polícia e salvar a guitarra valiosíssima das mãos desses bregões.

Ao ouvir isso, Cinderela pega a guitarra e corre em disparada. Todos correm atrás dela, quando esta para e diz:

- Vocês podem parar agora? Eu tenho uma surpresa para todos.

Nesse momento, Cinderela tira a máscara e não é nada mais nada menos do que a vovó.

Ela diz:

- Não se aproximem de mim, pois tenho uma 9 mm nesta bolsa e posso usá-la contra vocês.

Eu estava indo para o meu show quando perdi a bolsa e achei que a tinha deixado em casa. Voltei para pegá-la e, ao ouvir essa gritaria, resolvi me fantasiar de Cinderela para que pudessem me deixar entrar.

Chapeuzinho liga para a polícia que leva o lobo e o caçador para a cadeia, enquanto isso, elas vão ao show... Chapeuzinho, apesar de achar tudo muito careta, assiste ao show da banda “As vovozinhas solteiras” e, logo depois, as duas saem para comer uma pizza e tomar um choop.

FIM

CHAPEUZINHO VERMELHO

CONTO DOS IRMÃOS GRIMM

Era uma vez uma menina que era querida por todos – bastava olhar para ela para gostar dela. Mas quem mais a amava era sua avó, que fazia de tudo para lhe agradar. Um dia, a avó deu a ela um chapeuzinho de veludo vermelho, e a menina gostou tanto que nunca mais quis usar outro, e por isso foi apelidada de Chapeuzinho Vermelho. Certa vez, a mãe disse a ela: “Pegue esta fatia de bolo e a garrafa de vinho e leve até a casa da vovó, que está fraca e doente. Ela vai gostar. Seja

boazinha e mande lembranças a ela. Ande direitinho e não desvie do caminho, senão você vai cair e quebrar a garrafa e sua avó ficará sem nada”.

Chapeuzinho prometeu fazer tudo como a mãe mandou. Acontece que a avó morava na floresta, a meia hora de distância do vilarejo. Ao chegar à floresta, Chapeuzinho encontrou o lobo, mas não tinha ideia de que se tratava de um animal perigoso e não teve medo. “Bom dia, Chapeuzinho Vermelho.” “Bom dia, lobo!” “Para onde vai tão cedo, Chapeuzinho Vermelho?” “Para a casa da minha avó.” “O que está levando em seu avental?” “A vovó está doente e fraca, então vou levar para ela um bolo que fizemos ontem e vinho. Isso deve deixá-la mais forte.” “Chapeuzinho, onde mora a sua avó?” “A uns quinze minutos daqui. A casa fica embaixo dos três carvalhos, e em volta há arbustos, você logo vai reconhecer”, respondeu Chapeuzinho. O lobo pensou: “Esse é um delicioso bocado para mim. O que você vai fazer para consegui-lo?”. Então, disse para Chapeuzinho: “Olhe aqui, Chapeuzinho, você não viu as lindas flores que existem na floresta. Por que não dá uma olhada por aí? Acho que você nem está ouvindo o lindo canto dos passarinhos. Está andando como se estivesse na vila indo para a escola. É tão divertido passear pela floresta”.

Chapeuzinho levantou os olhos e, quando viu os raios de sol atravessando as árvores e as lindas flores que cresciam por todo lado, pensou: “E se eu levasse um ramalhete de flores para minha avó? Ela ia gostar muito e ainda é cedo, não vai demorar”. Assim, entrou na floresta e se pôs a colher flores. E, sempre que colhia uma, logo via outra mais bonita logo adiante, e assim, de flor em flor, foi entrando cada vez mais fundo na mata. O lobo, por sua vez, correu diretamente para a casa da avó e bateu na porta. “Quem é?” “Chapeuzinho Vermelho. Estou trazendo bolo e vinho para você. Abra a porta.” “É só virar a maçaneta”, respondeu a avó, “estou tão fraca que não consigo levantar.” O lobo girou a maçaneta e a porta se abriu. Então ele entrou, foi direto até a cama e devorou a avó. Depois vestiu as roupas dela, colocou a touca na cabeça, deitou-se na cama e fechou o cortinado.

Chapeuzinho andou por muito tempo colhendo flores e só parou quando não cabia mais nenhuma em suas mãos. Depois foi para a casa da avó. Estranhou que a porta estivesse aberta e quando entrou achou tudo tão esquisito que pensou: “Ai, meu Deus, por que estou com essa sensação estranha de medo? Eu sempre gosto tanto de estar na casa da vovó”. Então foi até a cama, abriu o cortinado e lá estava a avó com a touca enfiada na cabeça, cobrindo o rosto, com um aspecto estranho. “Oi, vovó! Mas que orelhas grandes você tem!” “É para te ouvir melhor.” “Vovó, mas que olhos grandes você tem!” “É para te ver melhor.” “Vovó, mas que mãos grandes você tem.” “É para te agarrar melhor!” “Mas, vovó, que terrível boca enorme é essa?” “É para te comer melhor.” E com isso o lobo saltou da cama, pulou sobre a pobre Chapeuzinho e a engoliu.

Depois de ter saciado o apetite, o lobo voltou para a cama, adormeceu e começou a roncar, fazendo um barulho fenomenal. Um caçador, que naquele momento estava passando em frente à casa, ouviu o barulho e pensou: “Como pode uma velhinha roncar desse jeito? Melhor verificar”. Então ele entrou na casa e, ao chegar à cama, deparou-se com o lobo, a quem procurava havia tempo. Ele deve ter comido a avó, pensou, e talvez ainda seja possível salvá-la, por isso é melhor não atirar. Então, buscou a tesoura e cortou a barriga do lobo. Assim que deu os primeiros cortes, avistou o chapeuzinho vermelho brilhando, e depois de mais uns cortes a menina saltou para fora dizendo: “Nossa, que susto. Estava tão escuro na barriga do lobo”. Logo depois a avó também saiu com vida. Chapeuzinho correu para buscar pedras bem pesadas, que eles colocaram na barriga do lobo, e, quando ele acordou e quis ir embora, as pedras pesaram tanto que acabou caindo morto.

Os três ficaram muito felizes. O caçador tirou a pele do lobo, a avó comeu o bolo e bebeu o vinho que Chapeuzinho levara e Chapeuzinho Vermelho, que estava feliz por ter escapado, prometeu a si mesma: “De agora em diante, não vou mais sair do caminho nem entrar na floresta sozinha, quando a minha mãe não deixar”.

FIM